

Agressão dos EUA na América Latina

Тихомиров Андрей

Андрей Тихомиров
Agressão dos EUA
na América Latina

http://www.litres.ru/pages/biblio_book/?art=69832324

SelfPub; 2023

Аннотация

A liderança dos EUA vê a América Latina como o seu “quintal” e, em todas as oportunidades, tenta remover o governo indesejado de um país da região, realizar uma “revolução colorida” e enviar as suas tropas.

Андрей Тихомиров

Agressão dos EUA na América Latina

Agressão dos EUA na América Latina no século XIX

América Latina é o nome coletivo dos países e territórios americanos que utilizam oficialmente as línguas românicas: espanhol, português e francês.

A agressão dos EUA na América Latina começou mesmo antes de conquistarem a independência do Estado. Durante a Guerra da Independência na América Latina, os Estados Unidos capturaram parte dos territórios das colônias rebeldes espanholas. Mais tarde, eles conquistaram vastos territórios do México. Logo após a sua publicação em dezembro de 1823, a Doutrina Monroe tornou-se a principal arma ideológica dos expansionistas americanos. Por trás das palavras “América para os Americanos”, as palavras “América para os EUA” soavam cada vez mais claramente.

Após a Guerra Civil (1861-1865), tendo-se fortalecido economicamente, os Estados Unidos começaram a repelir os britânicos no Caribe. Durante a Guerra do Pacífico 1879-1884, eles tentaram ganhar uma posição mais ao sul. Durante o primeiro período da guerra, a diplomacia dos EUA organizou protestos contra as ações da frota chilena na costa do Peru. Ao

fazer isso, ela tentou garantir o comércio para os americanos na América do Sul e fornecer apoio moral ao Peru, em oposição ao fornecido pelos britânicos ao Chile.

A derrota dos peruanos em Tacna e Arica mostrou a clara superioridade do Chile.

Os Estados Unidos entenderam bem que o Chile (e, conseqüentemente, a Inglaterra) poderia reter toda a área de desenvolvimento de nitratos. Em 22 de outubro de 1880, o enviado americano ao Peru, Christiansi, atuou como mediador. Ele reuniu representantes dos estados beligerantes em um navio de guerra americano, localizado perto de Arica. Mas a posição assumida pelo enviado (ele pressionou secretamente os aliados a exigir a devolução de todos os territórios conquistados pelos chilenos) não trouxe a reconciliação. Quando surgiu a questão da conclusão de um tratado de paz, os mesmos Christiansi convenceram o novo governo peruano de Garcia Calderón de que os Estados Unidos não permitiriam, mesmo ao ponto de uma intervenção armada, o desmembramento do Peru. Esta linha ainda

O substituto de Christiansi, Hurlbut, foi conduzido com mais energia.

As atividades de Hurlbut foram alimentadas pelo interesse pessoal e pelos interesses dos capitalistas americanos aos quais ele estava associado. Estes capitalistas, tendo em conta a impotência do Peru e da Bolívia e o seu desejo de encontrar um protector nos Estados Unidos, desenvolveram um plano para

criar a “Companhia Peruana”. Os depósitos de salitre da Líbia e do Peru e as reservas de guano no território do já ocupado Chile passariam para as suas mãos. O secretário de Estado Blaine participou da fraude.

Incitado pela diplomacia americana, Garcia Calderón recusou-se a assinar o tratado, que registraria a transferência de qualquer parte do território peruano para o Chile. O comando militar chileno o prendeu. Em Santiago foi afirmado de forma mais decisiva do que antes que o tratado de paz deve certamente incluir uma cláusula sobre a transferência obrigatória para o Chile da província de Tarapaca e a possível transferência – sob certas condições – de Tacna e Arica, ou seja, de toda a zona de salitre . Outras tentativas grosseiras e descoordenadas de diplomatas americanos para intervir na disputa apenas amarguraram os chilenos e os britânicos que os apoiavam, complicando a situação para a Bolívia e o Peru, cujos defensores os Estados Unidos queriam parecer ser.

O fracasso sofrido pelos decisores políticos de Washington no Chile não os desencorajou. Em 1889, por iniciativa dos Estados Unidos, foi realizada a primeira Conferência Interamericana. O Secretário de Estado Blaine admitiu abertamente que, ao convocá-lo, perseguiu o objetivo de garantir que os Estados Unidos continuassem a ter uma posição dominante nos mercados da América Latina.

Apenas seis anos se passaram e outro Secretário de Estado dos EUA, Olney, apresentou uma nova interpretação da Doutrina

Monroe: “Hoje os Estados Unidos são virtualmente o governante completo deste continente, e a sua conduta é a lei em todos os assuntos em que isso interfere. Por que? Não porque tenham sentimentos de pura amizade ou boa vontade. Não simplesmente porque são uma nação altamente civilizada, ou porque a prudência, o direito e a justiça caracterizam invariavelmente a conduta dos Estados Unidos. O facto é que, juntamente com todas as outras razões, os recursos incalculáveis dos Estados Unidos, combinados com uma posição isolada, tornam-nos donos da situação...” Esta afirmação foi feita em 1895, durante o conflito anglo-venezuelano sobre a fronteira entre a Venezuela e a Guiana Inglesa.

O sucesso alcançado na Guerra Hispano-Americana de 1898 estimulou os Estados Unidos a expandirem a sua expansão em todas as partes do mundo. Mas o seu principal alvo continuou a ser a América Latina. Os Estados Unidos começaram a criar ali um império de estados dependentes. Porto Rico e Cuba vieram primeiro, depois o Panamá. Um perigo terrível aguardava o resto dos países latino-americanos.

Agressão dos EUA na América Latina no início da década de 1930

A política dos presidentes americanos Theodore Roosevelt e Taft (1909-1913) em relação aos países latino-americanos foi particularmente agressiva. Ao mesmo tempo, nem um nem outro esconderam as suas reivindicações imperialistas. Em 1904, Roosevelt declarou: "No Hemisfério Ocidental, a aceitação da

Doutrina Monroe pelos Estados Unidos pode obrigá-los... a desempenhar funções policiais internacionais." O Presidente Taft acrescentou a esta interpretação da doutrina: "A nossa política externa... pode recorrer com segurança à intervenção activa, a fim de permitir que os nossos capitalistas e os nossos comerciantes invistam o seu capital de forma lucrativa." O primeiro formulou a essência da política, que foi chamada de política do "big stick", e o segundo – a essência da "diplomacia do dólar". A política do "big stick" foi concebida para fornecer à força aos imperialistas Americanos o investimento desimpedido de capital na América Latina e a exploração da sua riqueza. A "diplomacia do dólar" foi usada para garantir a segurança do capital americano.

Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «Литрес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на Литрес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.